

PERCURSO ÀS AVESSAS
DORVALINO ONITES
SEMIMORE
PAULO P. NASCENTES

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

O Percurso de uma tromba d'água

Paulo Sergio Viana*

Pouca gente discordaria de que o romance moderno teve início com *D. Quixote de la Mancha*, o Cavaleiro da Triste Figura. Trata-se de uma obra absolutamente espetacular, que se tornou arquétipo da nossa humanidade. Ninguém o leu, que tenha ficado incólume.

Já a Poesia é muito mais idosa. Data de milênios, quando servia para os cantos mágicos e os relatos heroicos. Basta lembrar Gilgamesh e as epopeias homéricas, ambos a trazer as relações entre deuses e homens.

Assim se formou a grande literatura, que no decorrer dos séculos se alimentou do pensamento mágico para ajudar os homens a pensar. A fantasia como recurso, o inesperado como percurso, a transcendência como busca.

Até que chegamos à ficção de hoje. O realismo passou a ser deus; a lógica, catecismo; a coerência, fundamento. A poesia e o conto passaram a ser objetos de dissecação, de esquadrinhamento, de mensurações.

* Médico aficionado pela Literatura e pelo Esperanto. (blogdopaulosergioviana.blogspot.com).

Claro que temos os grandes desobedientes, a manter a velha aura ilusionista que a literatura sempre nos apresentou. São os Joyce, os Rosa, os Barros, que não se deixam dominar pela Física newtoniana. Graças aos deuses.

E de repente, vem Paulo P Nascentes e nos apresenta, na maior desfaçatez, o seu *Percurso às avessas*. Que livro é esse? Para início de conversa, escapa de uma classificação pacífica. Romance? Não só. Poema? Não só. Fragmentos? Não mais que a vida de cada um de nós. Talvez pudéssemos chamá-lo “Poemance” – desde que ninguém nos pergunte o que isso significa. Imagino que o leitor, ao percorrê-lo, sinta algo semelhante ao que sentiram, na Idade Média, os primeiros leitores de Miguel de Cervantes, com seu absurdo Quixote. Ou tenham ímpetos de conversar com os deuses, como faziam os sumérios.

De minha parte, quando acabei de ler o *Percurso...*, a imagem que me veio à mente foi a daquelas trombas d’água que por vezes despencam no alto da montanha e descem de maneira avassaladora, arrastando tudo. Uma espécie de tsunami fluvial. Fui tomado por vertigem, arrastamento, afogamento, atordoamento, incredulidade. Nunca lera nada parecido. No máximo, talvez alguns sonhos tenham se aproximado do que está no livro. Uma reversão da linguagem, a serviço da reversão do pensamento: *olhar descabelado*. Uma falta de linearidade que lembra a enxurrada a sair do leito: *Roupas, pinturas, cabelo, o peculiaríssimo fraseado pareciam inteiramente novos nesses cinco ou seis últimos milênios de agudas crises e indescritível caos harmonioso!* Uma desobediência léxica e semântica a serviço

da mais selvagem associação de ideias: *No pretume do quarto namoramo em Braille...*

Aos poucos, no entanto, o leitor é convidado a não resistir ao curso vertiginoso da água narrativa. Não resista, leitor, não resista! Você não escapará, de qualquer modo. Deixe-se levar, mesmo que aos trancos. Ao contrário, procure a chave para entrar no castelo (e depois sair). Ela se acha na explícita exclamação de uma personagem: “Ah! Tudo é metáfora!”. E mais: todas as metáforas são efêmeras, pois que estão no mundo.

E no entanto, o percurso faz sentido. Como seria possível descrever, de dentro, uma experiência psíquica rara e indescritível, senão com uma literatura única e enigmática? Como descrever um percurso da morte em direção à vida, quando estamos condicionados ao caminho da vida em direção à morte?

Pois Paulo P Nascentes comprou a briga e se embrenhou no mato, e desafiou os elementos. É preciso coragem. Para escrever e para ler. Coragem e resistência, que são o único modo de se enfrentar uma tromba d'água na montanha. Ou um texto radicalmente novo.

Descapítulo zero: Dorvalino semimorre

Ficcionistas costumam, refestelados na confortável cadeira de praia das habilidades de seus narradores, oferecer a seus leitores, como um drink de cortesia, as delícias sedutoras de um acordo tácito: eu finjo que vocês fingem que eu acredito que vocês estão acreditando que tudo isso seja verdade. “Mas o que é a verdade?” – ecoam mais de dois milênios, flutuando em perplexidades.

– O que é a verdade?

A verdade talvez seja a *angina pectoris* deste corpo morto, baleado quem sabe lá mesmo no apartamento. A esperança exígua dos amigos terá reunido forças para conseguir a sirene aberta de uma ambulância-míssil, costurando aflita o trânsito atônito, caótico de cidade grande. A verdade talvez seja o diálogo abafado pelas máscaras brancas desta UTI do Hospital das Clínicas. Como se fosse o pivô de uma treinada equipe de basquete, o Dr. Alfredo assumia o comando, os assistentes sintonizados:

– Paciente com parada cardiorrespiratória! Depressa! Prepara o AMBU. Conecta o tubo oro-traqueal.

– T. O. T. checado! – sussurrou o assistente.

– Meireles, vamos tentar a ressuscitação cardiopulmonar. O cateter... na veia subclávia... vamos injetar...

Poucos segundos de hesitação, e o Dr. Alfredo teria que decidir rápido pela desfibrilação elétrica com uma descarga de 400 joules ou pela adrenalina.

– Injeta a adrenalina, essa assistolia está muito prolongada. Reinaldo, vamos fazer a atropina e o cloreto de cálcio.

Dr. Meireles parecia ler na mente do companheiro o fantasma da acidose metabólica... não tirava os olhos do monitor de vídeo. Os sinais vitais...

– Vamos lá! Não vamos perder o paciente! – Alfredo forçava uma esperança cada vez mais arredia...

Num outro vídeo – tela mental? Vida veloz, pisca luzindo o furioso flashback (derradeiro?).

Pseudocapítulo I: escritor

Dorvalino tinha lá seu jeitão meio poeta, isso tinha. E uma energia muito grande, garra, vontade louca de vencer, de publicar umas coisinhas, ir viver na capital, trabalhar em jornal grande, essas bossas. Não havia jornalzinho de colégio que lhe escapasse. Era solicitado, sim senhor. Alguns de seus personagens circulavam de conversa em conversa nas rodas de cerveja da cidadezinha. E os contos, passados de mão em mão, eram comentados feito fofocas locais. Apaixonavam discussões. Arrancavam efusivas reprimendas do cura, de surrada oratória dominical. Escandalizavam adolescentes que furtavam cópias clandestinas. Assanhavam a distinta edilidade municipal, arvorados em críticos e defensores do pudor social. Um dia Conceição do Mato Dentro amanheceu sem um dos filhos. Dorvalino escorregou pela madrugada silenciosamente gato sombra despedidas eram impraticáveis àquele coração sentimental e essa coisa toda. Mochila sem espaço pro passado, o essencial apenas. Vida nova na Capital. Os sonhos. A nova fase se impunha, sem dúvida. Mais leituras. Renovação temática, formal. O dinamismo da cidade telegráfica em

sua pressa de estilo. O hotel. As mulheres do hotel. (Esquecer Rosinha e os meninos...). Os convites para ser gigolô, atravessar muamba, incrementar contravenção. Mas, a mania de ser honesto era coisa funda naquele peito. Coisa que mãe diz coisa grudada na gente no jeito de ser. Quanta dificuldade passada! Esse apartamento em bairro de luxo, essa poltrona confortável, os automóveis, tudo recente. Como foram duras as primeiras migalhas, as primeiras linhas, as primeiras teclas. Sim! As primeiras letras de forma em trabalho seu. No Jornal a turma era formidável. Era tão garoto tímido, tão escolar assustado, tão rosto vermelho, tão riso amarelo, ao chegar aqui. Faiscavam recordações e perguntas. Onde diabo reuniu tanto atrevimento naquele dia? Invadiu a sala do Diretor-presidente, interrompeu a reunião com os redatores, repórteres, fotógrafos e saiu apertando as mãos perplexas. E os olhos acesos e ligados voltavam-se para o explosivo Dr. Carvalho Rocha. Expectativa.

– Bom dia, seu... seu...

– Dorvalino Mendes, senhor.

– Seu Dorvalino Mendes. A que devemos a honra de sua visita?

A voz vinha pensativa, pausada, assustadora em mansidão e cortesia.

Dorvalino gelou. Achou que gaguejaria ridículo, se tentasse falar. GANHOU tempo, puxou cadeira, abriu pasta, pigarreou cauteloso, sorriu maneiro, puxou papéis. Endireitou-se todo, olhou nos olhos de cada um e leu firme, boa voz, após profunda respiração de quem toma coragem:

Contatos do autor:

✉ pnascentes@gmail.com

🌐 www.paposnascentes.com

📘 www.facebook.com/pnascentes/



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Dante MT
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em abril de 2021.
